

A trajetória de trabalhadores migrantes da cana-de-açúcar na região de Catanduva

Júlia Maria Sibien

UNESP – Marília

julia_sibien@hotmail.com

Agência Financiadora: FAPESP

RESUMO

O setor sucroalcooleiro representa atualmente o principal ramo do chamado agronegócio em São Paulo e a principal atividade empregadora na agricultura paulista. A cana-de-açúcar ocupa atualmente quase 5 milhões de hectares (70% de todas as áreas com lavouras no estado). Estima-se também que a cultura gera em torno de 250 mil postos de trabalho, dos quais 170 mil apenas na colheita, incluindo um contingente expressivo de trabalhadores volantes, empregados sobretudo nessa atividade. Parcela expressiva dessa mão-de-obra empregada na safra provém de outros estados do país, especialmente da Região Nordeste. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores migrantes ocupados na safra da cana na região de Catanduva, uma das mais expressivas do estado no cultivo desse produto e que recebe um número significativo de trabalhadores provenientes de outras regiões do país. A tendência de avanço da mecanização da colheita da cana em um futuro próximo trará, por sua vez, conseqüências importantes sobre o nível de ocupação na cultura canavieira e que deve afetar as expectativas desse contingente que migra no período da safra da cana para a região.

Palavras-Chave: agronegócio, emprego agrícola, trabalho migrante, modernização da agricultura, setor sucroalcooleiro

1. Introdução:

Como já demonstraram diversos estudos (Sorj, 1980; Graziano da Silva, 1981; Muller, 1981 e Delgado, 1985), a agricultura brasileira desde os anos 60 tem sofrido profundas transformações técnico-produtivas, cuja tônica é a elevação significativa da utilização de insumos modernos, o atrelamento mais forte com a indústria processadora e também as alterações nas relações sociais de produção, acentuando o caráter capitalista da produção. Estas mudanças – denominadas por vários autores de *modernização conservadora* – apresentaram diversas características, entre as quais cabe destacar o seu caráter desigual, heterogêneo e concentrador, tanto em seus aspectos regionais como no que se refere à gama de produtos e de produtores inseridos nesse processo. De um modo geral, essas mudanças se concentraram na região Centro-Sul do

país, bem como nos produtos e estratos produtores mais atrelados à lógica de valorização do capital agroindustrial.

Com a ampliação dos efeitos da modernização agrícola e o concomitante declínio das formas assumidas pela pequena produção, entram em cena novas configurações produtivas e de trabalho que passam a se cristalizar no campo. Em São Paulo, dado o grau mais avançado das relações de produção capitalista no campo, bem como o esgotamento precoce de sua fronteira agrícola, a expansão da produção vai se dar basicamente pela intensificação das áreas já ocupadas, com o uso crescente de capital e trabalho. Esse processo é, no entanto, acompanhado de importantes mudanças na estrutura produtiva, notadamente pelo crescimento da concentração fundiária e pela diminuição do peso econômico da pequena produção de baixo nível tecnológico, progressivamente substituída pela grande produção tecnificada e empresarial.

Nesse contexto, no qual se consolida uma dinâmica produtiva atrelada a uma progressiva ampliação da empresa rural como agente promotor das mudanças nas relações trabalhistas e socioeconômicas, que se podem entender as alterações ocorridas na composição da população ocupada na agricultura paulista e as mudanças nas relações de trabalho, principalmente com o fortalecimento das modalidades de trabalho assalariado. Os indicadores sobre a ocupação agrícola em São Paulo refletem de fato este avanço das relações capitalistas na agricultura paulista, sinalizando uma substituição de trabalhadores por meio de produção, com impactos negativos sobre a ocupação agrícola. Entre 1970 e 2006, ocorreu uma redução de mais de 40% dos ocupados no setor em São Paulo, o que representou uma perda de mais de 600 mil postos de trabalho neste período. Esta redução afetou todas as categorias ocupacionais, ao mesmo tempo em que tem crescido a importância relativa do trabalho assalariado permanente, como reflexo do avanço da tecnificação da agricultura no estado. Este último fator tem sido responsável também pelo declínio da ocupação dos trabalhadores temporários no período mais recente, representado pela figura *do bóia-fria*, com a ampliação da mecanização da colheita de importantes culturas como o café e a cana-de-açúcar.

Esta última cultura representa atualmente o principal ramo do chamado *agronegócio* no estado de São Paulo e a principal atividade empregadora na agricultura paulista. A cana-de-açúcar ocupa atualmente quase 5 milhões de hectares, o que significa 70% de todas as áreas com lavouras no estado e representou 45% do valor da

produção agrícola estadual em 2006 (SACHS e MARTINS, 2007). Estima-se também que a cultura gera algo em torno de 250 mil postos de trabalho, dos quais 170 mil apenas nas operações de colheita, incluindo um contingente expressivo de trabalhadores volantes, empregados, sobretudo nessa atividade, na medida em que, apesar dos avanços da mecanização dessa etapa produtiva, mais da metade da cana ainda é colhida manualmente no estado. Parcela expressiva dessa mão-de-obra empregada na safra da cultura canavieira provém de outros estados e regiões do país, especialmente da Região Nordeste.

No entanto, os protocolos assinados entre usineiros e o governo do Estado, visando reduzir as queimadas por razões ambientais e os aperfeiçoamentos das máquinas automotrizes têm impulsionado o avanço da colheita mecanizada da cana-de-açúcar nos últimos anos. Desta forma, a possibilidade de se estender a mecanização em etapas de trabalho que ainda empregam mais trabalhadores, pode acarretar transformações estruturais no mercado de trabalho agrícola. Estas mudanças devem levar a uma redução da ocupação agrícola empregada na cultura, uma maior homogeneidade na demanda dessa mão-de-obra ao longo do ano agrícola e uma preferência pelo trabalho assalariado permanente, em detrimento dos trabalhadores assalariados temporários. Esta tendência, portanto, implicaria no agravamento das condições de sobrevivência desta categoria de trabalhadores na agricultura paulista, como já vem ocorrendo desde os anos 90, uma vez que já está havendo uma progressiva substituição desses trabalhadores assalariados temporários pelos permanentes, com maior nível de qualificação.

Como a expansão da cana-de-açúcar está ocorrendo de forma avassaladora no estado e sua mecanização ocorre apenas de forma parcial, os trabalhadores migrantes ainda encontram no trabalho da colheita da cana expectativas de emprego e de renda, buscando melhores condições de vida, principalmente no estado de São Paulo que detém 60% de toda produção de cana-de-açúcar do país. Assim, estes trabalhadores deixam seu lugar de origem e com ele suas famílias, casas e terras, para assim realizarem seus objetivos, que variam de acordo com cada situação.

A emergência e a importância do trabalho volante na agricultura brasileira têm sido destacadas por vários autores desde os anos 70. Em “A mão de obra volante na agricultura”(1982), Elbio N. Gonzales e Maria Inês Bastos, consideram no texto “O trabalho volante na agricultura brasileira” que a intensa proletarização do trabalhador

agrícola é resultado do seu progressivo desapossamento dos meios de produção, inserido na dinâmica de valorização do capital. O trabalho volante constitui assim, uma forma concreta de relação social de produção, onde tais trabalhadores são obrigados a vender o único meio de produção que possui, qual seja sua mão-de-obra. Segundo os autores, o domínio ainda incompleto do Capital das condições de produção agrícola seja pela natureza das culturas ou do seu nível tecnológico, como por exemplo, processos ainda parciais de mecanização das atividades agrícolas, o trabalho volante passaria a representar uma relação de trabalho que, através da intensificação e o prolongamento das jornadas de trabalho, possibilitaria aumentar a valorização do capital.

A partir dessa questão, surge no contexto econômico brasileiro uma relação de exploração desses safristas (pois só são contratados durante um período específico do ano), representando uma real degradação de suas condições de sobrevivência. Neste momento, tanto seus instrumentos de trabalho quanto de vida (moradia, alimentação, higiene, etc.) são marcados pela precarização – submetendo-os a um processo de humilhação e degradação. Destacam-se também as figuras do trabalho feminino e infantil dentro deste processo, a fim de aumentar a baixa renda familiar, os quais acabam sendo explorados com maior intensidade devido às suas estruturas corporais e emocionais.

Da mesma forma que os autores citados acima, José Graziano da Silva em seu livro “Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura” (1981), aponta a mecanização parcial da cultura de cana como um dos fatores responsáveis pela elevada utilização de mão-de-obra volante, a qual substitui a permanente devido ao menor tempo em que tal atividade passa a ser realizada, aumentando a sazonalidade do trabalho. Assim, o contingente de trabalhadores permanentes restringe-se àqueles que possuem algum tipo de especialização, como tratoristas, capatazes, motoristas, etc. Tal fator ocorre porque as culturas que adotam tecnologias modernas possuem maior exigência por mão-de-obra irregular, devido a um menor tempo disponível para as operações da colheita quando ela não é totalmente mecanizada, uma vez que as relações sociais de trabalho são condicionantes e condicionadas pelo desenvolvimento das forças produtivas. Assim ele expressa:

“Fundamentalmente, o volante é um proletário, ou seja, um trabalhador desprovido dos meios de produção e, enquanto tal, obrigado a vender a sua força de trabalho para garantir a subsistência, como é o

operário urbano e/ou o trabalhador rural assalariado permanente”.
(GRAZIANO, p.118, 1981).

O presente trabalho possui o intuito de analisar os motivos que levam estes trabalhadores migrantes a deixarem suas vidas para trabalhar no corte da cana-de-açúcar na região de Catanduva, no interior de São Paulo. Como Francisco Alves e José Roberto Novaes citam no livro *Migrantes: Trabalho e Trabalhadores no Complexo Agroindustrial Brasileiro*, “estes trabalhadores estão submetidos a péssimas condições de trabalho e moradia, tanto nos locais de origem quanto, principalmente, nos locais de destino” (2007:13). Desta forma, além da análise sobre a questão dos motivos que os levam a migrarem para esta região no período da safra, que dura de 7 a 8 meses, este projeto pretende verificar em que condições vivem, se estão satisfeitos ou não com as condições de trabalho oferecidas e a possível relação com as usinas desta região.

O caso da região de Catanduva torna-se interessante, visto que diversos dos pequenos municípios da região tornaram-se local de concentração de um expressivo número de força de trabalho rural, tanto de pessoas das próprias cidades (que geralmente possuem funções em atividades mais complexas, modernizadas e mecanizadas), quanto de migrantes, que realizam suas tarefas manualmente, usando instrumentos perigosos e exercendo atividades de alto risco. Além disso, a agroindústria sucroalcooleira possui grande relevância nesta região, ocorrendo uma expansão acentuada deste agronegócio, contando com sete usinas, além das que se situam em outras regiões, mas que são filiais das existentes neste Escritório de Desenvolvimento Regional (EDR)^{1*}.

A área cultivada com cana-de-açúcar apresentou, por sua vez, um acelerado crescimento na região entre 1995 e 2008 em detrimento de outras culturas (Tabela 1). Nesse período, a área com essa atividade agrícola expandiu em 128%, enquanto que a área total com as principais lavouras e pastagens praticamente ficaram estagnadas nestes 13 anos. Assim, a cana passa a ocupar dois terços da área total com lavouras e pastagens na EDR de Catanduva em 2008, constituindo praticamente uma monocultura, contra uma participação inferior a 30% em 1995. A EDR de Catanduva passa a ocupar o oitavo lugar entre as quarenta EDRs do estado no cultivo da cana-de-açúcar (10º em 1995) representando quase 5% da área com a cultura no estado em 2006 (SACHS e MARTINS, 2007). O avanço da cana-de-açúcar ocorreu principalmente às expensas das áreas com pastagens, que sofreu um decréscimo de 52% no período e da laranja, terceira

atividade em importância na região, que perdeu quase 70% de sua área nesses treze anos. Na EDR de Catanduva, quase todas as culturas apresentaram redução de área nesse período, cedidas para a expansão da cana, incluindo alimentos básicos como o arroz e o feijão. As exceções foram o amendoim, que se expandiu em função do próprio crescimento da cana, na medida em que é uma cultura utilizada nas áreas de renovação dos canaviais e o limão, sendo a região de Catanduva uma das mais expressivas no cultivo desse produto no estado. O rearranjo produtivo do setor agropecuário na região tem implicado, portanto, em uma tendência à monocultura, aumentando a dependência econômica centrada nessa cultura, e possivelmente uma concentração fundiária, na medida em que as escalas de produção na cana-de-açúcar tendem a ser elevadas comparativamente a outras culturas e em impactos sociais, questões estas que devem ser objeto de análise desta pesquisa.

Tabela 1: Evolução da área com as principais culturas e pastagens na EDR de Catanduva – 1995-2008 (em ha)

Culturas	Ano							
	1995		2000		2005		2008	
	Área	%	área	%	área	%	área	%
Algodão	230	0,1	130	0,1	85	0,1	-	-
Amendoim	1.621	0,4	815	0,2	6.585	1,7	5.691	1,5
Arroz	7.044	1,9	1.599	0,4	612	0,2	515	0,1
Café	1.285	0,3	753	0,2	1.286	0,3	552	0,1

Cana	108.880	29,5	126.523	35,0	189.470	49,4	247.987	65,9
Feijão	2.503	0,7	1.268	0,4	1.157	0,3	1.000	0,3
Laranja	68.473	18,6	50.562	14,0	29.650	7,7	20.973	5,6
Limão	7.696	2,1	12.507	3,4	11.620	3,0	12.529	3,3
Milho	15.655	4,2	12.010	3,3	11.080	2,9	10.030	2,7
Pastagem	150.514	40,8	150.779	41,7	124.660	32,5	72.285	19,2
Seringueira	2.521	0,7	2.809	0,8	2.861	0,8	3.248	0,9
Soja	1.735	0,5	996	0,3	3.402	0,9	900	0,2
Tomate	842	0,2	740	0,2	735	0,2	630	0,2
Total	368.999	100,0	361.491	100,0	383.203	100,0	376.340	100,0

Fonte: IEA

Outro fator de grande importância neste contexto é o acentuado avanço da mecanização da colheita da cana que vem ocorrendo na região, já que isso trará consequências socioeconômicas importantes, pois muitos dos trabalhadores contratados no período das safras perderão seus empregos, podendo causar um impacto, não só em suas cidades de origem, mas também nas de destino, onde um contingente elevado de pessoas ficará desempregado. De acordo com o IEA (Instituto de Economia Agrícola), a mecanização nesta região atingiu em junho de 2007 um nível de 41,8% da produção, percentual este acima da média estadual (FREDO Et Alii, 2008). Nesse ritmo, a região possivelmente se aproximará das metas estabelecidas no Protocolo Agroambiental, assinado entre os usineiros e o Governo do Estado, que prevê o fim das queimadas até 2014 nas áreas mecanizáveis. Segundo o Instituto, a introdução da colheita mecanizada desemprega 2.700 pessoas no estado para cada um por cento da área mecanizada. Ainda segundo o IEA, constatou-se um total de aproximadamente 6.796 pessoas ocupadas na

EDR de Catanduva nas atividades de colheita da cana-de-açúcar, número este que deve reduzir de forma acentuada com o avanço da mecanização, e que futuramente terão que ser realocadas para outros setores econômicos, devido à perda dos seus postos de trabalho.

Portanto, conhecer e analisar os objetivos e perspectivas dos trabalhadores ocupados na lavoura canavieira, o que inclui uma parcela expressiva de trabalhadores de outros estados que migram para a região por ocasião da safra da cana, passam a ser relevantes. Tendo como pano de fundo a tendência de avanço da mecanização da colheita em um futuro próximo, é possível construir um panorama das conseqüências a serem enfrentadas após muitas dessas relações sociais serem desfeitas, e mais que isso, quando outras forem construídas como resultado das transformações técnico-produtivas na cultura canavieira.

2. Objetivos

Após esta contextualização e o levantamento de possíveis questões, os objetivos principais desta pesquisa são entender o movimento de migração para o interior paulista, por homens que deixam seus lugares de origem e suas famílias para trabalhar no corte da cana-de-açúcar na região de Catanduva; analisar as condições a que são submetidos (moradia, alimentação, salários, jornada de trabalho, instrumentos de trabalho, etc.); assim como discutir suas perspectivas para um futuro próximo, onde a mecanização fará parte de seus cotidianos e mudará significativamente as relações de trabalho existentes, fazendo com que muitos fiquem desempregados.

A pesquisa será realizada em alguns municípios selecionados da região de Catanduva, os quais possuem uma maior concentração, seja de trabalhadores migrantes, quanto de usinas a serem analisadas. Portanto, apesar desta região possuir 18 municípios, apenas os mais significativos, do ponto de vista da relevância da cultura canavieira e do número de trabalhadores, serão selecionados para o estudo.

Serão analisados também, como objetivos secundários, fatores de igual importância como a expansão nos últimos anos da agroindústria sucroalcooleira em São Paulo e especificamente na região estudada, que vem se desenvolvendo e ganhando espaço no agronegócio nacional, além das relações de trabalho na própria agroindústria

canavieira, cuja dinâmica depende em grande medida das mudanças socioeconômicas em curso no setor sucroalcooleiro paulista.

3. Metodologia

A análise das condições de vida e de trabalho desses trabalhadores migrantes será feita nos municípios de Ariranha, Palmares Paulista, Pindorama e Santa Adélia, devido à concentração de um contingente maior de pessoas oriundas de outras regiões do país. Além disso, leva-se em conta a importância econômica do agronegócio sucroalcooleiro nestes municípios, devido à presença de várias usinas, extensas áreas dedicadas com a lavoura canavieira e as relações estreitas que estas cidades estabelecem com as usinas, já que mais da metade de suas populações depende do trabalho realizado nestas empresas. Será realizada uma pesquisa de campo, em que serão utilizados questionários relacionados às condições de vida e de trabalho desses trabalhadores. A amostra será composta por cinco questionários em cada cidade citada acima, totalizando vinte trabalhadores entrevistados.

Em relação ao conteúdo teórico, serão estudadas referências bibliográficas referentes ao processo de modernização da agricultura, tanto relacionadas à região de Catanduva quanto às outras regiões do país, mas principalmente referente ao Estado de São Paulo. Será enfatizado especialmente um diálogo com os autores que têm apontado as contradições do modelo de desenvolvimento agrário no país, centrado no agronegócio, como o aumento das desigualdades no campo, a concentração fundiária e a geração de um contingente crescente de estratos marginalizados excluídos desse processo.

Serão utilizados também durante o processo de desenvolvimento do trabalho dados e informações produzidos por instituições como o IEA, IBGE, ÚNICA, UDOP, para assim subsidiar a análise da evolução do setor sucroalcooleiro em São Paulo e mais especificamente na região de Catanduva, os indicadores de tecnificação e de ocupação agrícola. Após o levantamento bibliográfico, dos dados secundários e as entrevistas de campo, será realizada uma análise do material pesquisado e a elaboração de uma redação final da pesquisa.

Para a realização do trabalho de campo será utilizado um questionário envolvendo perguntas como sexo; idade; lugar de origem; os motivos que o levou a

trabalhar nesta região; se possui algum tipo de propriedade própria (pequenas plantações, agricultura para subsistência, etc.); como classifica sua condição de vida (considerando-se os alojamentos, alimentação, higiene, etc.); o grau de satisfação quanto ao salário recebido e quanto às condições de trabalho. Desta forma, se considera se o salário é apropriado tendo em vista este trabalho que desempenha; a classificação dada em relação aos instrumentos de trabalho fornecidos pelas usinas; e por fim, as possíveis expectativas para um futuro próximo, onde a queima da cana deverá ser progressivamente eliminada, dificultando o seu corte e dando lugar à mecanização, com diminuição drástica dos empregos no setor.

4. Conclusão

A fim de uma melhor preparação para este trabalho, foi realizada uma pesquisa piloto (com bons resultados no que tange a receptividade dos entrevistados) na cidade de Ariranha, onde três trabalhadores com idades referentes a 30, 35 e 44 anos foram entrevistados, onde se podem fazer algumas inferências: Todos vieram de outros Estados do país (neste caso dois da Bahia e um de Alagoas); dois deles tinham o objetivo de obter um rendimento financeiro para manter uma pequena propriedade em seus lugares de origem; não consideram suas condições de vida como sendo boas, pois argumentaram que os aluguéis de moradia e a alimentação são muito caros em São Paulo, sendo submetidos a precárias condições de higiene, moradia e alimentação. Portanto não consideram seus salários apropriados para o tipo de trabalho que realizam, pois são pesados e as jornadas de trabalho são longas e desgastantes. Porém, ao questionar se estavam satisfeitos com este trabalho, as respostas foram contraditórias, ao afirmarem que sim, visto que compararam com o realizado em suas cidades de origem (ainda mais precário). Foram unânimes ao afirmarem que a usina fornece todos os tipos de instrumentos necessários ao trabalho e à segurança e que não possuem expectativas para um futuro próximo, onde na fala de alguns “o jeito vai ser cortar cana crua”.

Portanto, embora as matrizes técnicas tenham sido modificadas pela modernização, o processo produtivo manteve as mesmas estruturas fundiárias fundantes deste país, através de uma péssima distribuição de terras e da intensificação da precariedade do trabalho. Tal precariedade se mantém com o decorrer do tempo, acentuando a situação de pobreza e os problemas tanto físicos quanto psicológicos desses trabalhadores dentro

do campo. Porém, é importante questionarmos o que acontecerá com milhares de indivíduos que perderão seus postos de trabalho e se as cidades – as de origem, assim como as dormitórios – estarão preparadas para receber este contingente de trabalhadores desempregados, através de políticas públicas que os reintegrem à vida social e econômica do país.

Bibliografia

BALSADI, Otávio Valentin. *Mudanças rurais e o emprego no Estado de São Paulo nos anos 90*. São Paulo, Anablume, 2002.

BERNADELLI, Maria Lúcia F. H. Os papéis urbanos na região de Catanduva/SP: *Relações entre a produção de moradia e o trabalho volante*. Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, Vol. VII, núm. 146, 2003.

BRAY, Silvio Carlos. *As políticas da agroindústria canavieira e o PROÁLCCOL no Brasil*. Marília, Unesp – Publicações, 2000.

CAMARGO, A.M.M.P. Et Alii - *Dinâmica e tendência da expansão da cana-de-açúcar sobre as demais atividades agropecuárias, estado de São Paulo, 2001-2006*. Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, IEA, 2008.

CAMARGO, J. M. – *Relações de trabalho na agricultura paulista no período recente*. Tese de Doutorado apresentado ao Instituto de Economia da Unicamp, Campinas, 2007.

CAMARGO, J. M. - *Tecnificação da cana-de-açúcar em São Paulo e sazonalidade da mão de obra*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Economia e Administração da USP, São Paulo, 1988.

DELGADO, G. - *Capital financeiro e agricultura no Brasil*. São Paulo, Ícone Editora, 1985.

FREDO, C.E. Et Alii – *Índice de mecanização na colheita da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo e nas regiões produtoras paulistas, junho de 2007*. IEA, Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, 2008.

GONZALEZ, E.N. e BASTOS M.I. – *O trabalho volante na agricultura brasileira*. In: *A mão-de-obra volante na agricultura*. São Paulo, Polis, 1982.

GRAZIANO DA SILVA, J. - *Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura*. São Paulo, Hucitec, 1981

_____ - *de bóias-frias a empregados rurais*. Alagoas, edUFAL, 1997.

MULLER, G. - *Estrutura e dinâmica do complexo agroindustrial brasileiro*. São Paulo, FFLCH/USP, 1981. (mimeo).

NOVAES, J.R. e ALVES, F. - *Migrantes: Trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro*. São Carlos, EdUFSCar, 2007.

PETTI, R.H.V. Et Alli – *Evolução da estrutura regional da Secretaria de Agricultura e Abastecimento e atual Divisão Política Administrativa do Estado de São Paulo*. Informações Econômicas, v.31, n.12, São Paulo, IEA, 2001.

PRADO, M.I. - *Flexibilização e novas estratégias de intensificação do trabalho nas usinas de açúcar e álcool a partir dos anos 90*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Araraquara, 2008.

SACHS, R.C.C. e MARTINS, V.A. – *Análise da cultura da cana-de-açúcar, por Escritório de Desenvolvimento Rural, estado de São Paulo, 1995-2006*. Informações Econômicas, v.37,n.9, São Paulo, IEA, 2007.

SORJ, B. - *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

1 Os Escritórios de Desenvolvimento Rural foram criados em 1996 pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em número de 40, substituindo as antigas Divisões Regionais Agrícolas (DIRAS).